



GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Universit  de Liege) - Debatedor/a

O Grupo de trabalho Antropo ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

Navalha na Saia: sobre como uma tese tradicional n?o se mostra suficiente para depurar as emo??es que uma pesquisa evoca

Autoria: Stéphanie Campos Paiva Moreira

Pesquisa de forma transdisciplinar antropologia hist?rica, arte e culturas negras. As intera??es que foram arranjadas desde meu ingresso no doutorado em Estudos étnicos e Africanos bem como no Grupo de Pesquisa Corpo e Ancestralidade da Escola de Dança da UFBA em 2016 em paralelo à vivência da capoeira tiveram como resultado o início dos estudos de corpo e movimento que desembocaram no processo criativo Navalha na Saia. Essa é a constru o de um fragmento artístico que busca representar-se enquanto corpo negro feminino a partir de uma existência familiar ancestral utilizando a linguagem da dança-performance em paralelo ao escrito antropológico. Pretende ser um subproduto da pesquisa de doutorado "Ancestralidade familiar negra: um estudo sobre a trajetória de uma família negra do sul do Brasil" com foco sobre a centralidade das matriarcas em sua organiza o, bem como na sua permanência e estratégias de resistência. Abordo a rela o entre g nero e raça e a representa o de guerreiras negras do cotidiano que costumam ser silenciadas tanto em suas trajetórias de vida quanto na memória construída sobre elas. É fundamental mencionar a existência de Esteph nia Paiva (1893-1989) que concentrou em si um tipo de empoderamento o qual   sua época era transgressor e que, viúva em 1935 com uma prole de quatro filhas, levou adiante um projeto familiar defendido com atitudes e armas: o facão e a pistola que levava à cintura de sua saia. A arte dispõe de uma linguagem permissível às subjetividades. Antes que a regra da grafia ou da metodologia me aflija, eu já senti. Quando se trata da história das popula es negras da diáspora é comum as narrativas virem banhadas em sangue ou lágrimas, e sempre em suor. Trata-se de works que ecoam aquilo que as pessoas nos dizem de suas histórias, e as histórias choram durante anos depois de vividas. Encontrei



pesquisadoras com intensas dificuldades em dar continuidade às suas pesquisas por serem contextos que buscavam dar voz a mulheres silenciadas pelo racismo, pelas violências doméstica ou estatal. Estavam sendo atravessadas pela condição de existência compartilhada e a mim aquele discurso ecoava. As narrativas sobre vivências de escassez, dor e violência são impactantes a qualquer investigador(a) que entender que está trabalhando com seres human@s, mas quando os atravessamentos se confundem com suas heranças de dor? O que uma pesquisadora pode fazer para depurar os sentimentos que por vezes paralisam e nos fazem não mais querer a próxima entrevista, a próxima transcrição, a próxima página? Encontro na arte o lugar onde posso transbordar sempre que cheia, sem pausas para analisar a formalidade da escrita e me fazer esquecer do que vinha pensando. E assim em fluidez, permito-me transportar no tempo-espço e imaginar.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

